



## MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.7, jan./jun.2010



**“I WOULD PREFER NOT TO”, DIZIA BERNARDO SOARES...**

**REFLEXÕES EM TORNO DA POTÊNCIA DE NÃO SER NO LIVRO  
DO DESASSOSSEGO**

Anderson Borges  
(Mestrando — UFMG)

### RESUMO

Podemos observar que Bernardo Soares, o narrador do *Livro do desassossego*, ao permanecer frequentemente refletindo sobre o que poderia ser e/ou ser feito, desenvolve aparentemente a chamada “potência de não ser”. Neste breve artigo, procuramos constatar e discutir tal fato através da análise de alguns fragmentos, sobretudo, a partir da teoria apresentada por Giorgio Agamben, na qual a figura do emblemático personagem de Herman Melville, o escrivão Bartleby, é usada como base para sua reflexão.

### PALAVRAS-CHAVE

Potência; desassossego, sensacionismo.

### ABSTRACT

We can observe that Bernardo Soares, the narrator in the book *Livro do desassossego*, because he keeps himself frequently reflecting about whatever it could be and/or it could be done, develops the named “potency of not being”. On this brief paper, we intend to show and discuss that point through analyzes of some fragments, mainly considering the theory presented by Giorgio Agamben, on which one the emblematic character written by Herman Melville, the scrivener Bartleby, has been used as basis for his reflection.

### KEYWORDS

Potency; disquiet; sensationism.

**B**ernardo Soares, o narrador principal do *Livro do desassossego*, vive na Rua dos Douradores, onde também trabalha e nas horas vagas escreve sua “autobiografia sem fatos”. O desassossego funciona como um motor para a escrita de seu livro. Uma espécie de fermentação mental compõe a alma de Soares, um mero ajudante de guarda-livros cuja insignificância se mistura a uma espécie de potência. O que nos intriga é que suas dúvidas, seus planos, seus sonhos não encontram final; permanecem num estado de potência. A partir de leituras de ensaios escritos pelo italiano Giorgio Agamben, a inquietação que temos ao perceber a chamada “potência de não ser” exemplificada por Bernardo Soares ganhou uma proporção ainda maior. O presente texto é uma tentativa de amenizar esse estado — que nós leitores podemos por ventura ter —, discutindo questões relacionadas à potência a partir de reflexões levantadas principalmente por Agamben.

Não é novidade alguma dizer que Fernando Pessoa é um dos maiores autores que a literatura já conheceu. A poética pessoana adquire uma genialidade ainda maior quando somamos à sua criatividade, suas teorizações em torno do *eu*. Em suas *Obras em prosa*, encontramos uma espécie de fenomenologia da criação poética de sua heteronímia, na qual são apresentadas a gênese e a justificativa de sua invenção. O imaginário pessoano foi ainda mais longe. O drama estático — termo utilizado por ele mesmo para se referir ao jogo heteronímico — possibilitou levar ao leitor pontos de vistas variados (o de Pessoa ortônimo e de outros tantos heterônimos) acerca de problemas diversos que passavam por ponderações estéticas, filosóficas e até mesmo políticas.

O tempo mostrou que, de fato, Fernando Pessoa se tornou o supra-Camões, conforme ele certa vez profetizou. A vasta lista de teóricos dedicados ao estudo de sua obra confirma esse pensamento. O crítico Eduardo Lourenço, embora ressalte que pode estar equivocado, associa alguns nomes a três principais leituras (LOURENÇO, 1986, p. 88). A primeira, ressaltando “a clivagem de uma multipolaridade sem síntese possível nem necessária”, em

que, de acordo com Lourenço, são exemplos dessa corrente interpretativa: Mário de Sacramento, bem como Casais Monteiro e Gaspar Simões. A segunda propõe uma polaridade hegemônica constituída de um Pessoa nuclear — que muitos consideram ser Caeiro ou ainda o Pessoa autor de *Mensagem* — e outros que esboçam uma espécie de reflexo evidente. Agostinho da Silva, António Quadros e Dalila Pereira da Costa são alguns exemplos que sustentam essa segunda leitura. A terceira corrente interpretativa almeja conciliar a chamada “poética unitarista” àquela relacionada à multiplicidade “sob o signo da diferença”, evidenciando a marca textual que essas duas visões seriam a expressão. Jacinto do Prado Coelho, José Augusto Seabra, Maria Glória Padrão e o próprio Eduardo Lourenço são alguns dos nomes que ilustram esta última leitura.

Obviamente, se pensarmos nas leituras que procuram atestar a figura de um *eu*, digamos atrás do texto, poderíamos aumentar ainda mais a lista de nomes. Assim, continuando ao lado da enumeração proposta por Lourenço, seria possível mencionar Maria Augusta Babo e Leyla Perrone Moisés, para citar apenas alguns nomes. O que é importante lembrar é que em 1982, a recepção crítica da obra pessoana ganhou um fôlego ainda maior com a primeira edição do *Livro do desassossego*.

O *L. do D.*, como era usualmente abreviado por Pessoa em seus escritos, pode certamente ser chamado de contemporâneo, seja considerando seu surgimento, seja a complexidade estética com que foi elaborado. A longa fortuna crítica que em tão pouco tempo se juntou em torno dele demonstra facilmente esse ponto.

No desassossego do ajudante de guarda livros encontramos o chamado sensacionismo, o que reforça a ideia de potência, conforme veremos adiante. O sensacionismo — conceito formulado pelo próprio Pessoa e cuja prática pode ser encontrada ao longo de sua obra — estabelecia o anseio de “sentir tudo de todas as maneiras” (PESSOA, 1982, p. 428). Trata-se de dar uma “atenção excessiva” às sensações e ter consciência delas. Nas palavras de seu fundador,

na poesia sensacionista, “espírito e matéria são interpenetrados e intertranscendidos” (PESSOA, 1982, p. 431). Esse projeto em que “a realidade da vida é a sensação” alcançou um importante escopo no *Livro do desassossego*, sob a assinatura do semi-heterônimo Bernardo Soares.

Ora, tomando como ponto de partida a longa discussão em torno do emprego do sensacionismo presente no *Livro do desassossego*, conforme vemos em *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações* — dentre vários outros estudos sobre esse assunto —, do crítico José Gil, podemos pensar um conceito muito caro em relação ao desassossego de Bernardo Soares. Trata-se da ideia de “potência de não ser”, que considerando uma linhagem de personagens prenunciada por “Bartleby” de Melville, passando pela literatura de Kafka, desperta ainda hoje certa curiosidade.

Antes de analisarmos a conceituação de “potência de não ser”, precisamos retomar alguns pontos para um melhor esclarecimento. Assim, recapitularemos rapidamente a noção de potência. O idealismo alemão, sobretudo as figuras de Hegel, Fichte e Schelling, muito contribuiu para a reflexão acerca desse conceito. Schelling, dizendo haver três potências (poder ser, ou potência subjetiva; precisar ser, ou potência objetiva; dever ser, ou potência subjetiva-objetiva), define precisamente a primeira como sendo aquela cuja ilimitada possibilidade de ser é o princípio de pura subjetividade. Logo, ela é “a infinita necessidade de ser”, isto é, capaz de ser algo, sem ter assumido nenhuma forma determinada.

Contrariando o esperado percurso potência-ato, Bernardo Soares conserva a potência subjetiva sem objetivá-la, evidenciando, assim, uma “potência de não ser”, tal qual foi visto provavelmente pela primeira vez na literatura de Herman Melville. Novamente levando em conta o preceito sensacionista de que “nada existe, não existe a realidade, mas apenas sensações” (PESSOA, 1982, p. 441), percebemos melhor a perspectiva de Soares, para quem, em detrimento de objetivar suas vontades, preferia manter seus anseios num estado de fermentação, ou seja, no estado de potência,

antes do ato conclusivo. Isso nos lembra a teoria agambeniana estruturada sob a profética figura de Bartleby.

Ao ler o conto "Bartleby, o escrivão" nos damos conta das impressões contraditórias que o narrador tem ao perceber que Bartleby, então seu empregado, se nega a executar seus deveres. A resposta aos encargos exigidos é sempre sentenciosa: *I would prefer not to*. Agamben, tomando a recepção de Aristóteles pelos árabes, argumenta que Bartleby se coloca, por este motivo, como um símbolo de potência. "Como escrivão que parou de escrever, Bartleby é a extrema figura do Nada, do qual toda criação deriva; e ao mesmo tempo, ele constitui a mais implacável defesa deste Nada como pura, absoluta potencialidade" (AGAMBEN, 1999, p. 253-254).

O estudo agambeniano ajuda-nos a entender que a potência pode vir a ser ato ou não. No caso da "potência de não ser" (cujo exemplo dado é exatamente Bartleby), o ato não pode jamais consistir num simples trânsito da potência ao ato; trata-se, pois, de "uma potência que tem por objeto a própria potência [...]" (AGAMBEN, 1993, p. 34).

Assim sendo, Agamben lembra, a partir da metafísica aristotélica sob a ótica árabe, que o pensamento não é apenas potência de pensar, mas, "na sua essência, potência pura, isto é, também potência de não pensar. [...] É graças a essa potência de não pensar que o pensamento pode virar-se para si próprio (para sua própria potência e ser, no seu auge, pensamento do pensamento)" (AGAMBEN, 1993, p. 34-35).

Dessa forma, a potência pensa a si mesma e fundamenta o chamado "ato perfeito de escrita"; o qual, aparentemente, pode ser visto em Bernardo Soares que, à maneira de Bartleby, prefere não efetivar a passagem da potência ao ato, como lemos no excerto abaixo:

Douradores, do patrão Vasques, do guarda-livros Moreira, dos empregados todos, do moço, do garoto e do gato. Senti em sonho a minha libertação, como se mares do Sul me houvessem oferecido ilhas maravilhosas por descobrir. [...] Mas de repente, e no próprio imaginar, que fazia num café no feriado modesto do meio-dia, uma impressão de desagrado me assaltou o sonho: [...] não poderia deixar tudo isso sem chorar,

sem compreender que, por mau que me parecesse, era parte de mim que ficava com eles todos, que o separar-me deles era uma metade e semelhança da morte (PESSOA, 2008, p. 46).

A não-passagem da potência ao ato possibilita, como vemos, pensar a própria passividade. Ao que parece, Bernardo Soares, ao colocar-se como um misantropo, confere uma importância maior à potência, em detrimento do ato. Curiosamente ele se sente mais a vontade ao pensar se expressando ao invés de se expressar propriamente — novamente reiterando a ideia sensacionista de que “nada existe, não existe a realidade, mas apenas sensações”; prefere conversar com os “amigos espectrais e imaginados” a dialogar com pessoas.

O isolamento talhou-me à sua imagem e semelhança. A presença de outra pessoa [...] atrasa-me imediatamente o pensamento, e, ao passo que no homem normal o contato com outrem é um estímulo para a expressão e para o dito, em mim esse contato é um contra-estímulo [...]. Sou capaz, a sós comigo, de idear quantos ditos de espírito, respostas rápidas ao que ninguém disse [...]; mas tudo isso se me some se estou perante um outrem físico, perco a inteligência, deixo de poder dizer, e, no fim de uns quartos de hora, sinto apenas sono. Sim, falar com gente dá-me vontade de dormir. Só os meus amigos espectrais e imaginados, só as minhas conversas decorrentes em sonho, têm uma verdadeira realidade e um justo relevo, e neles o espírito é presente como uma imagem num espelho (PESSOA, 2008, p. 78).

Ao negar a passagem da potência ao ato, Bernardo Soares afirma-se como um ser que vive num mundo de possibilidades, a despeito de um mundo de acontecimentos. Prefere muitas vezes dedicar-se a um exercício de pensamento, a partir da imaginação e da construção do que “pode ser”. Dessa forma, ele se mostra condizente com aquilo que Maurice Blanchot, ao estudar Musil, chamou de “um ser somente possível, mas aberto a todas as possibilidades” (BLANCHOT, 2005, p. 205). Um homem que ao tentar assumir a ausência de particularidade que o caracteriza acaba por tornar-se particular.

Paralelamente à personagem de Musil, esse ponto pode ser visto também em Bernardo Soares, conforme vemos no clássico fragmento 12 de eu *Livro do desassossego*: “Nestas impressões sem nexos, nem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem fatos, a minha história sem

vida” (PESSOA, 2008, p. 50). Trata-se de uma vida constituída de possibilidades, como podemos observar.

Os fatos que aliados a acontecimentos fundamentariam uma biografia dão lugar a uma história sem vida, constituída do que “poderia ser”; o que nos conduz novamente à ideia de potência. Bernardo Soares, ao contar uma “autobiografia de alguém que nunca teve vida”, reconhece amiúde escrever apenas devaneios. Até mesmo ao evocar uma mulher para dedicar seu amor — como acontece no texto “Na floresta do alheamento” —, acaba confirmando que ela não existe. Isso acontece porque Soares é um escritor sensacionista e, desse modo, se dedica a um exercício constante de compor e decompor tudo o que porventura pode provocar ou levar a sensações, isto é, desde impressões sensíveis até sonhos e ideias.

O último fragmento da edição do *Livro do desassossego* que aqui abordamos nos permite mais uma vez relacionar à “potência de não ser”, em certa medida, uma reflexão sobre o processo criador presente nesta obra.

[...] vivo sempre em sonhos, mesmo quando vivo na vida. Olhar para um poente em mim ou para um poente no Exterior é para mim a mesma coisa, porque vejo da mesma maneira, pois que a minha visão é talhada mesmamente. [...] sonho-me a mim próprio e de mim escolho o que é sonhável, compondo-me e recompondo-me de todas as maneiras até estar bem perante o que exijo do que sou e não sou. Às vezes o melhor modo de ver um objeto é anulá-lo; mas ele subsiste, não sei explicar como, feito de matéria de negação e anulamento; assim faço a grandes espaços reais do meu ser, que, suprimidos no meu quadro de mim, me transfiguram para a minha realidade[...] Eu não fugi à vida propriamente, [...] apenas mudei de vida e encontrei nos meus sonhos a mesma objetividade que encontrava na vida [...]. Em mim o devaneio ininterrupto substituiu a atenção. Passei a sobrepor às coisas vistas, mesmo quando já sonhadamente vistas, outros sonhos que comigo trago (PESSOA, 2008, p. 505).

Esse excerto evidencia claramente o que dizemos, ou seja, a escolha de viver nos sonhos, ao invés de ter uma vida objetiva, anuncia, em certa medida, o apreço pela potência, já que todas as coisas são objetivadas no pensamento. Retomando a reflexão agambeniana a esse respeito chegamos à noção de que

o pensamento é, em sua essência, “potência pura”. Desse modo, o constante estado de potência ressaltado por Soares alcança, em certa medida, o anseio pessoano manifesto em seus escritos sobre o sensacionismo, nos quais lemos que “a finalidade da arte é simplesmente aumentar a autoconsciência humana” (PESSOA, 1982, p. 441).

A utilização crítica e consciente das aquisições do romantismo, conforme podemos ler nas teorizações feitas pelo próprio Fernando Pessoa a esse respeito ao longo de suas “Ideias estéticas”, junto à fundamentação e aplicação do sensacionismo possibilitou essa profunda auto-reflexão em sua obra, especialmente no semi-heterônimo Bernardo Soares. Irene Ramalho Santos chama atenção para a “consciência da consciência” vista na ironia presente no *Livro do desassossego* (SANTOS, 2007, p. 324), como na sentença “sonho-me a mim próprio e de mim escolho o que é sonhável, compondo-me e recompondo-me de todas as maneiras”.

O sensacionismo, conforme mencionamos, explicita ainda um uso muito peculiar dessa noção de pensar o pensamento. Como lemos acima, olhar um poente no pensamento nada difere de contemplá-lo do lado de fora. Isso porque Bernardo Soares tinha como pretensão: “reduzir a sensação a uma ciência, fazer da análise psicológica um método preciso como um instrumento de microscópio” (PESSOA, 2008, p. 501).

A respeito da prática da auto-análise, expressão muitas vezes empregada por Soares, José Gil comenta: “(Soares) sonha e analisa suas sensações, como se elas fossem unidades estéticas objetivas” (GIL, 1988, p. 17). Assim, multiplicar, dividir, isolar as sensações permite ao escrevente uma particular habilidade de trabalhar a potência, cujo fim não é o ato.

[...] Daí a habilidade que adquiri em seguir várias ideias ao mesmo tempo, observar as coisas e ao mesmo tempo sonhar assuntos muito diversos, estar ao mesmo tempo sonhando um poente real sobre o Tejo real e uma manhã sonhada sobre um Pacífico interior; e as duas coisas sonhadas intercalam-se uma na outra, sem se misturar, sem propriamente confundir mais do que o estado emotivo diverso que cada um provoca, e sou como alguém que visse passar na rua muita gente e



simultaneamente sentisse de dentro as almas de todos - o que teria que fazer numa unidade de sensação - ao mesmo tempo que via os vários corpos — esse tinha que os ver diversos — cruzar-se na rua cheia de movimentos de pernas (PESSOA, 2008, p. 506).

Tal qual no conto de Melville, no *Livro do desassossego* a potência não dá passagem ao ato. Bernardo Soares opta em permanecer no pensamento. “Estagno na mesma alma. Dá-se em mim uma suspensão da vontade, da emoção, do pensamento, e esta suspensão dura magnos dias; [...] Nesses períodos da sombra, sou incapaz de pensar, de sentir, de querer” (PESSOA, 2008, p. 148). Ao lado de Bartleby, Bernardo Soares “prefere não” para se somar àquele grupo de personagens copistas que sempre irão nos assombrar.

### Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. Bartleby, or On Contingency. In: *Potentialities*. Stanford: Stanford Press, 1999. P. 243-274.

\_\_\_\_\_. Bartleby. In: *A comunidade que vem*. Lisboa: Editorial Presença, 1993. P. 33-35.

BLANCHOT, Maurice. Musil. In: *O livro por vir*. São Paulo, Martins Fontes, 2005. P. 196-220.

GIL, José. O laboratório poético. In: *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*. Lisboa: Relógio D'água, 1988. P. 9-28.

LOURENÇO, Eduardo. 'O Livro do desassossego' texto suicida? In: *Fernando Pessoa: rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986. P. 81-96.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

\_\_\_\_\_. *Obras em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1982.

SANTOS, Irene Ramalho. Desassossego, identidade e a poesia lírica. In: *Poetas do Atlântico Fernando Pessoa e o modernismo anglo-americano*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. p. 313-336.

SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph von. Einleitung zu dem Entwurf eines Systems der Naturphilosophie. In:\_\_\_\_\_. *Sämmtliche Werke*. Stuttgart/Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1856-1861.<sup>1</sup>

---

Artigo recebido em 23/07/2009 e publicado em 13/04/2010.